

*De Salomão Sousa*

Todo preâmbulo inaugura o medo.  
São as luas, os rochedos ou  
os abismos voluntários.  
Permanecem pelos séculos  
a dominar o infinito ou  
a encher de orgias  
a duração e a cárie.  
Outros são os componentes  
dos fuzis, dos afogamentos  
no Tibre, dos saques aos caixas ou  
da espessura da lingerie.  
Das intrépidas e inúteis  
folhas de guarda.  
Primaveras unitárias  
tragadas pelas boquilhas  
seguem com os transeuntes,  
raspam pelos lábios,  
expelem erupções pelas nádegas.  
Ninguém entende o furúnculo,  
a harmonia das águas e das pétalas.  
E se houvesse entendimento ou  
a extinção da linha do tempo,  
quem iria recolher o sal,  
construir a alvura ou

estrear o lençol e a luz?  
Quem iria preparar  
o combate aos vândalos?  
O que há é o medo  
e a porta de ouro que não o extingue.

Em meio ao espelhamento das escolhas  
acontecerá o excesso de luz a ressecar as ervas,  
ideias que se ligam ao soco, às intrigas,  
o cervo a assistir a velocidade dos bêbados.

Depois de o armamento transbordar do bernal,  
utensílios dão para descarnar as faces,  
cobrar nivelamento de nervuras.  
O tratado rasgado, a volúpia dos relatos.  
A renegada palavra que se precipita,  
a reabilitada confiança de volta ao conflito.

No momento que temos a satisfação do pássaro,  
do estrangeiro na sacada a traquinar feliz. Feliz.  
Caem, não só nesses momentos, também de Dante,  
os nossos crestados pés, o odor do filho,  
o volume das polpas no branco, no brim dos seios,  
caem as pálpebras de nossa mãe, o pó de nossas vigas.  
Com o movimento dos remos, os comandantes.  
A esquadra perfilada no porto dos encalhes.

Ah! a luz que resseca as ervas não perdoa o corvo;  
invade os limites, danifica as trevas!

alguém sem pressa/com seios lerdos  
assim sem repartir o leite ao fim do dia  
assim chato de lembrar na hora decisiva  
de abrir latas/comer as partes frias  
na decisão inconteste/ah! escorregar  
cair onde ficar em definitivo  
sem ter de mover uma palha  
ou chamar por Dayla/virar os olhos  
esfregar linóleos/ai/óleo nos lábios  
nos decotes invisíveis/implausíveis  
ai! se vier a tromba d'água/ouvir as calhas  
o orvalho silencioso nas dalias  
entre trempes/talhos encalhar  
sem alguém para esquentar  
as partes altas/as partes frias  
quantos gigas têm o dia?  
quantos bites a noite? quantas folhas?  
ah! os brotos vagarosos/os seios lerdos  
as cerdas dos sexos secos  
as cordas espichadas moles/nem  
nós/nem arritmia

as longas folgas na lentidão dos eixos  
os colos sem ciências/sem superfície  
e logo o amanhã se pronunciará  
com a madeira podre/as portas cerradas  
nos esgotos/o estrume de tutti crias

Tangido a estalos secos  
 o cavalo ecoa no asfalto  
 empurrado dentro do enfado  
 Pressupõe um mundo que nada  
 sem nódoas no verde  
 O tempo dentro da viseira  
 não existe nas laterais  
 O espaço não passa  
 de uma água incapaz  
 de escapar aos canais  
 A distância se acanha  
 sem declarar aonde a chegada  
 Pode ser onde for  
 os corvos não acabaram  
 Talvez montes de lixo  
 sou a repugnância do estorvo  
 Apavora desconhece  
 quando será admitido beber  
 e mesmo se haverá água  
 Suplício não saber quando  
 será dado o último estalo  
 Angústia o desperdício da marcha  
 levando nem mesmo ao atoladouro

A poesia é um dos meus nervos  
 aquele mais sensível  
 que move as minhas demais mãos  
 os demais passos de meus pés  
 Move as lâminas com as quais derroto  
 os arrotos dos Hades do tédio  
 com as quais não dou saís  
 às cinzas dos rancores e das tragédias

Dos veios dos vales, das fêmeas?  
 Quem não veio das heranças do sol?

Ainda são as retinas, as tiras de cor  
 Há o miosótis, a pele, o espelho de chuva  
 a seiva reluzente nas frondes humanas  
 Com a poesia desponto do escuro  
 embarco sem os grumos das ausências  
 Fervo o sangue com os braços da poesia  
 e com os nervos quentes das palavras  
 Remo os barcos às margens dos homens

Mostrou os brotos de verdes extremos?  
 Quem ainda não retesou os nervos?

---

**SALOMÃO SOUSA (DISTRITO FEDERAL/GOAÍIS)** – Poeta. É autor de diversos livros, destaque para *A moenda dos dias/O susto de viver*, Ed. Civilização Brasileira 1980; *Estoque de relâmpagos*, Prêmio Bolsa Brasília de Produção Literária, 2002 e *Ruínas ao sol*, Prêmio Goyaz de Poesia, Ed. 7Letras, 2006. Produz textos críticos para jornais e revistas. Publicou em 2008, com recursos do FAC, o livro *Momento Crítico*, de textos críticos, crônicas e aforismos.